

## Mell Siciliano - Fernanda Valle - Amanda Salomão

### *Uma mulher entre homens: o gesto bibliográfico de Christine de Pizan em A Cidade das damas*

#### *1. Em busca de Christine de Pizan, a primeira escritora profissional do Ocidente eurocêntrico*

Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda [...]: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro, no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam, a partir de agora, ter uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores.

(Pizan 2012, p. 65-66)

Algumas interpretações contemporâneas acerca da vasta e profícua obra produzida por Christine de Pizan (1364 - c.1430 d.C.), em especial *A cidade das damas*, escrita em 1405, a inserem como precursora do movimento feminista. Em seus escritos, além de abordar temas como acesso à educação, desigualdade de gênero e violência sexual, Patrizia Caraffi (2003), pesquisadora italiana dedicada ao estudo da obra de Pizan, destaca que a autora introduziu um assunto que seria tratado cerca de 500 anos depois de sua morte, por Virginia Woolf (1882 - 1941 d.C.), no ensaio *Um teto todo seu* (*A*

---

**Bibliothecae.it**, 10 (2021), 2, 164-195 <<https://doi.org/10.6092/issn.2283-9364/14069>>

© The Author(s) 2021. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

*room of one's own*, publicado originalmente em 1929): a importância de um espaço próprio para abrigar o processo de escrita. Em outras palavras, a necessidade de a mulher possuir condições necessárias para seu desenvolvimento intelectual, condições essas que perpassam o âmbito financeiro e doméstico; as mulheres, quase sempre financeiramente dependentes dos homens e responsáveis pelas atividades ligadas à reprodução e cuidado, precisariam não apenas de tempo, mas também de um espaço no qual pudessem se afastar dos cuidados com o lar para se dedicarem ao processo de escrita (Brown-Grant 1999).

Nascida Cristina da Pizzano, a jovem italiana radicada na França escapou do estereótipo de mulher medieval: era letrada, com acesso a bibliotecas, rede de contatos privilegiada e dona de uma certa liberdade e *status* sociais: quando viúva, não se casou novamente - caminho que a conduziu para sedimentar sua carreira como escritora e editora de livros. Sua reputação e desenvoltura com a arte dos textos a situaram não apenas como profissional e arrimo de família, mas também como importante agente de debate sobre questões sociais, em especial, as narrativas sobre mulheres. Dessa maneira, nas linhas que se seguirão, não trataremos de um debate sobre gênero, teologia, filosofia ou moral do ponto de vista conceitual trazido por Pizan sobre a vida social na Idade Média, mas focaremos em seus apontamentos sobre gênero tocantes à organização do conhecimento, especificamente à bibliografia. Em suma, não defenderemos ou discordaremos do possível feminismo da autora, porque tal análise seria inviável em poucas páginas sem evitar erros de anacronismos. A ênfase do trabalho estará nas condições sócio-históricas de sua escrita, sua predisposição crítica de leitura de mundo e a aparente ausência de discussões sobre sua biobibliografia na tradição da Ciência da Informação.

Ancorado, portanto, no campo informacional, nosso interesse se desloca das teorias literárias e filosóficas para o aspecto sistematizador das narrativas levantadas por Pizan em *A cidade das damas*, um de seus livros mais populares. Na obra, a autora dialoga com afirmações feitas, registradas e reconhecidas por escritores-chave na cultura oci-

dental, como Aristóteles (c.384 - c.322 a.C.), Ovídio (c.43 - c.18 a.C.), Boccaccio (1313 - 1375 d.C.) e Petrarca (1304 - 1374 d.C.), cujos escritos, que posicionavam desfavoravelmente a imagem da mulher na sociedade, eram recebidos e disseminados no período medieval ocidental como fontes de autoridades, alinhadas a um discurso construído de acordo com os interesses daqueles que possuíam presença dominante nos processos de produção, circulação e apropriação de informação e conhecimento - os homens.

Por meio da narrativa literária e alegórica, mas de fundo profundamente filosófico, Pizan refuta as informações disseminadas, de maneira sistemática, hermenêutica e dialética a partir do mesmo percurso e objeto utilizado pelos homens concebidos como autoridades da época para construir noções negativas em torno da mulher, mas com um propósito que questiona e refuta esses discursos: os livros. Sua questão norteadora era a seguinte: por que homens, de diferentes épocas, maldiziam as mulheres? Teriam os filósofos, poetas, clérigos e tantos outros homens de autoridade reconhecida se enganado? Em suas palavras, «Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples, fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade» (Pizan 2012, p. 59). Sendo assim, para contrapor a bibliografia patriarcal amplamente reverenciada e referenciada, a autora seleciona 150 personalidades femininas, abrangendo inclusive mulheres de seu tempo, que se destacaram em diversos campos do conhecimento, desde as artes e ciências, como também em governos e batalhas, para construir simbolicamente sua cidade-fortaleza, que serve tanto de argumento lógico como memorial à reconstrução da reputação do sexo feminino.

A inquietação de Pizan lançava luz à outra questão, para além do debate sobre gênero, mas onde este certamente está inserido: a documentação, nosso interesse fulcral. Se a autora, no século XV, apontava a aparente ausência de literatura escrita por mulheres como um dos elementos principais na construção moral sobre a mulher, o panorama

parece perdurar. Em sua tese de doutorado, Calado (2006) ressalta que até 2001, no Brasil, só havia uma única menção à Christine de Pizan no catálogo sobre estudos medievais, referente a uma dissertação de mestrado. O próprio quesito idiomático é passível de exame: ainda segundo a pesquisadora, no século XVI, a figura de Pizan já era popular em Portugal, com a obra *Le Livre des Trois Vertus*<sup>1</sup> traduzida para o português por encomenda direta da Rainha Isabel, esposa de Afonso V (Calado 2006, p. 107). O Brasil, por sua vez, recebeu a corte portuguesa e a família real até o fim do século XIX, quando foi proclamada a república. Logo, suscita o questionamento sobre os possíveis motivos de Pizan ter permanecido oculta em língua portuguesa até os anos 2000 em solo brasileiro.

A invisibilidade de autoras femininas é corroborada na análise de Costa e Costa (2019), que comentam ser recorrente a afirmação de que inexistiram mulheres intelectuais no medievo. É sabido que a história das mulheres é marcada por proibições e condicionamentos: analfabetismo ou educação formal escassa, falta ou difícil acesso aos livros e às bibliotecas, orientação à família e às numerosas gestações; todavia, a aparente ausência de mulheres como autoras de escrita erudita, nas artes, na música, na filosofia e na ciência se deve também ao controle dos registros documentais. Conforme relembram Costa e Costa (2019), na maioria dos manuais tradicionais de Filosofia, mulheres não são citadas e reconhecidas como filósofas.

No que se refere ao campo bibliográfico, a despeito das diferenças teóricas sobre o conceito de bibliografia, na revisão proposta por Alentejo (2015) emerge a ideia de uma ciência do livro, que abrange dimensões distintas, da forma ao conteúdo, sendo a bibliografia tanto um produto material quanto intelectual sobre o conhecimento produzido. Seja sob a noção de repertório, listas ou descrições de assuntos, sob a égide de políticas gerais e escolhas individuais de bibliógrafos, a

---

<sup>1</sup> Neste trabalho - exceto pela obra *A cidade das damas* - os textos citados por Christine de Pizan e os demais livros da autora serão mencionados pelo título original.

bibliografia relaciona-se com seleção e recorte, apresentando, assim, limites e bordas. Nesse mesmo sentido, Lara (2018) reconhece a polissemia do termo, acrescentando que o debate em torno da bibliografia envolve pensá-la a partir das inúmeras possibilidades de abordagem de suas manifestações.

Ainda que figuras como Gabriel Naudé (1600 - 1653 d.C.) e Conrad Gesner (1516 - 1565 d.C.) sejam centrais nas discussões sobre a gênese da bibliografia, as origens do trabalho bibliográfico podem ser rastreadas já em documentos da Antiguidade e Idade Média (Couzinet 2012 - Lara 2018 - Sabba 2016). Igualmente, o olhar de Crippa (2016) acerca da noção de gesto bibliográfico também sugere que, ainda que a bibliografia não fosse denominada em sua perspectiva disciplinar, já o era em sua natureza prática e instrumental.

Já do ponto de vista da relação do campo com a presença feminina, nota-se que a literatura científica, especialmente no Brasil, demarca figuras masculinas, como Cassiodoro (487 - 585 d.C.), Conrad Gesner, Gabriel Naudé e Paul Otlet (1868 - 1944 d.C.), como referências do campo - homens cultos, com condições amplas de produção e acesso à formação intelectual, autorizados à mecânica da comunicação científica e institucional de suas épocas. Em artigo sobre o histórico da bibliografia brasileira, os autores Juvêncio e Rodrigues (2016) apresentam uma tabela com marcos históricos do campo, que começa no século III a.C e termina no ano de 1727 d.C, e não há referência às mulheres.

Ao considerar o conceito nuclear de bibliografia e as históricas limitações impostas às mulheres, importa questionar: de que maneira eram realizadas as práticas de seleção, organização e divulgação do conhecimento registrado, por mulheres no período medieval? Pretende-se, portanto, analisar em que medida *A cidade das damas* representaria um gesto bibliográfico no período medieval ocidental. Especificamente, esta pesquisa, de base teórica, visa dialogar sobre os conceitos de bibliografia e gesto bibliográfico, tendo como recorte a análise da obra de Pizan.

A análise está apoiada na história sobre as mulheres, visto ser indissociável a autoria de seu contexto. No caso deste trabalho, de Christine

de Pizan e de sua circunstância como ser humano encarnado em um corpo feminino, vivente em uma sociedade patriarcal na Idade Média. Destarte, embasam o trabalho autorias que reconhecem a diversidade do termo bibliografia em uma perspectiva histórica, seu caráter de disciplina e técnica, e a inserem no contexto amplo da organização do conhecimento, notadamente Eduardo Alentejo (2015), André Araújo (2015), Giulia Crippa (2015, 2016, 2017), Viviane Couzinet e Patrick Fraysse (2019). No que se refere à história das mulheres, Rosalind Brown-Grant (1999), Patrizia Caraffi (2003, 2004), Diana Arauz Mercado (2005), Le Goff (2006), Tracy Adams Rechtschaffen (2010) e Ana Rieger Schmidt (2020a, 2020b) contribuem para situar a obra de Pizan em seu tempo. Ressalta-se que *A cidade das damas* foi consultada em duas versões: traduzida para o inglês, de 1999, e português, de 2012; ambas foram feitas a partir do texto original em francês antigo.

Em termos estruturais, excetuando-se a introdução, o artigo está organizado em três seções: a primeira diz respeito ao contexto medieval vivido por Pizan, sua breve biografia e apresentação da referida obra; em seguida, discorreremos sobre o conceito de bibliografia e gesto bibliográfico tecendo relações com o trabalho desenvolvido pela autora em *A cidade das damas*; e por fim, à guisa de conclusão, algumas considerações sobre esse estudo teórico e exploratório sobre a autora, no escopo da Ciência da Informação.

## 2. *Misoginia e a construção de A cidade das damas*

Conforme a própria Christine observou, somente quando uma mulher colocasse a pena no papel, uma visão mais positiva do sexo feminino surgiria.

(Brown-Grant 1999, p. 32, tradução nossa).

Em sua trajetória de pesquisa, Jacques Le Goff argumentou que os estudos históricos medievais eram desencarnados, isto é, não consideravam a corporalidade dos sujeitos envolvidos nos fatos. Em sua



perspectiva, o corpo era variável fundamental para a compreensão dos fatos, visto que a espécie humana se encontra circunscrita em um tempo e um espaço, existências móveis em episódios socioculturais, movimentos orientados também por discursos institucionalizados em diferentes esferas. No caso do medievo, Estado e religião ocuparam lugar relevante na construção, manutenção e fiscalização da vida cotidiana. Ser humano encarnado em um corpo masculino resultaria em possibilidades de escolhas distintas de outro ser humano se encarnado em um corpo feminino. O que significava, portanto, ser um homem e ser uma mulher no medievo?

De acordo com Le Goff (2006), a dinâmica social na Idade Média (período compreendido entre os séculos V e XV), foi marcada por tensões entre a figura Divina e a humana, concepções que afetariam outras dicotomias: corpo e alma, razão e fé, riqueza e pobreza, violência e paz. A cristandade medieval dominante sustentava que o corpo deveria ser motivo de repulsa, uma vestimenta que, se desprezada, encaminharia a alma para o Reino dos Céus. Nesse sentido, aos seres humanos, dotados de um corpo perecível, eram ditadas regras morais, materializadas em comportamentos e sentimentos. Logo, ser homem ou ser mulher estava intimamente associado com as virtudes e vícios perseguidos e atribuídos a cada um dos sexos.

O corpo, em especial a figura feminina, rememorava o pecado original, relacionado diretamente ao livre-arbítrio de Eva, a desobediente primeira mulher segundo o livro bíblico Gênesis. Na visão do autor, há uma aparente virada de posição no século XIII, onde o corpo passa a ser valorizado e enaltecido a partir dos escritos de São Boaventura (1221 - 1274 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225 - 1274 d.C.), manifestações embasadas na ideia do Deus encarnado no corpo de Jesus, o Salvador. Nesse contexto, os cinco sentidos humanos eram instrumentos da obra divina. Adão persistia como o parâmetro de primeiro homem na perspectiva criacionista e Eva, feita a partir dele, um ente secundário. A transformação do pecado original em pecado sexual, segundo o autor, estendeu-se aos indivíduos, onde a mulher foi o elo

que pagaria o preço mais caro (Le Goff 2006).

Todavia, a desigualdade de gênero e a repressão aos corpos (e, conseqüentemente, às sensações advindas dos corpos) não se iniciaram no medievo. Sobre essas últimas, o autor referencia Marco Aurélio (121 - 180 d.C.) quando este critica a sexualidade e os impulsos do corpo, ainda no primeiro século da era cristã, em que o cristianismo não era uma religião de Estado e, contrariamente, os cristãos eram perseguidos. A segunda referência é ainda anterior a Marco Aurélio: Aristóteles, cujas reflexões remanesceram como forte influência no pensamento ocidental, especificamente em personagens medievais como São Tomás de Aquino. O sistema categorial aristotélico é um dos modelos mais respeitados herdados por diferentes campos do conhecimento, seja na biologia, seja nos estudos informacionais.

Porém, em diferentes obras, o filósofo estagirita insere a mulher como ser inferior ao homem, despossuída de autoridade intelectual (*auctoritas*) e lhe atribui virtudes como beleza e moderação, enquanto ao homem, sabedoria, justiça e honra. Conseqüentemente, é tecida toda a base moral, filosófica e política de subordinação feminina: a razão é respectiva ao homem, o corpo à mulher. A interpretação teológica medieval sobre Aristóteles mantém a mulher como «um macho defeituoso» (Le Goff 2006, p. 54), necessitando da figura masculina para guiar-lhe os passos. Mas, se o corpo é objeto de pecado, logo, a mulher será o símbolo desse pecado. Conforme Le Goff (2006 p. 54), «as mulheres que não possuíam voz na história, vão oscilar entre Eva e Maria, pecadora e redentora, megera conjugal e dama cortês».

É na esteira da diferença de representação entre os gêneros na cultura ocidental, refletida na produção de documentos e na organização bibliográfica, que nasce Christine de Pizan, na Veneza do século XIV. Ainda criança mudou-se para Paris, França, quando seu pai, Tommaso da Pizzano, foi nomeado astrólogo e médico na corte do rei Charles V (Caraffi 2004 - Schmidt 2020a). No ambiente de elite, a escritora viveu uma infância confortável, tendo acesso ao que, para uma série de mulheres de sua classe social, era escasso ou ausente: as atividades



de leitura e escrita, ambas incentivadas por seu pai, apesar da oposição da mãe, para quem Christine deveria passar o tempo no exercício de atividades concebidas como parte do universo feminino (Mercado 2005). É importante destacar que, no medievo daquele século, muitas mulheres da mesma classe social de Christine eram ensinadas a ler, mas certamente não a produzir ou assinar seus próprios escritos (Brown-Grant 1999).

As pesquisadoras Brown-Grant (1999) e Mercado (2005) apontam, ainda, que um dos marcos da vida de Christine, a elevando ao reconhecimento de uma figura notória até a atualidade, está o de ter sido uma das primeiras mulheres no contexto ocidental a obter seu sustento exclusivamente através da escrita. A morte do rei Charles V (1338 - 1380 d.C), seguida, em um curto intervalo de tempo, pela morte de seu pai e seu marido, foram acontecimentos cruciais para que ela convertesse o seu talento para as letras em renda financeira. Para sustentar a si, seus três filhos, sua mãe e uma sobrinha, Christine iniciou a tarefa de copista (Caraffi 2004 - Mercado 2005). A partir do ano de 1399, iniciaram-se os primeiros trabalhos autorais, direcionados a uma audiência aristocrática, perpassando inúmeros gêneros, como a poesia lírica, textos políticos e morais, biografias de reis e integrantes da realeza, livros de devoção e debates literários (Brown-Grant 1999). Em uma era pré-tipográfica, é importante destacar que Pizan estava envolvida diretamente na produção de seus livros artesanais, exercendo não apenas a atividade de copista, mas também de supervisora do trabalho de outros (Caraffi 2004 - Schmidt 2020a). Com o tempo, tornou-se uma escritora popular entre os nobres da Europa, recebendo patrocínio de nomes como Gian Galeazzo Visconti, duque de Milão, (1351-1402 d.C), Rei Henry IV da Inglaterra (1367 - 1413 d.C) e Rainha Isabelle da Baviera (1370-1435 d.C) (Rechtschaffen 2010).

Ainda que tenha gozado de reconhecimento em vida, nos séculos subsequentes suas obras perderam popularidade, retornando ao debate acadêmico no século XIX. No século XX, as pesquisas se intensificaram, principalmente nos chamados *women's studies*, que obser-

vam sua biobibliografia em uma perspectiva feminista (Rechtschaffen 2010), seguido do olhar filosófico, isto é, as interpretações mais recentes agregam o pensamento de Christine de Pizan ao escopo da Filosofia e não apenas ao da Literatura. Estima-se que tenha produzido, ao longo de sua vida, mais de 40 obras (Schmidt 2020a). *A cidade das damas*, publicado em 1405 e foco deste artigo, confronta e questiona uma tradição literária masculina apoiada centralmente na articulação e disseminação de uma visão negativa sobre a mulher.

As indagações iniciais de Pizan partem da leitura de textos de escritores considerados autoridades da época, advindos de distintas áreas do conhecimento, como Boccaccio, Ovídio, Aristóteles, entre outros, cujas fontes evocam discursos que destacavam apenas condutas das mulheres concebidas como negativas, sendo então representadas como essencialmente más e inclinadas ao vício (Brown-Grant 1999). Ainda segundo Brown-Grant (1999), os comentadores, poetas e exegetas extraíam intencionalmente trechos específicos com discursos misóginos transmitindo a ideia de que tal ou qual autor entendia inteiramente o sexo feminino como moral, intelectual e fisicamente inferior aos homens, ocultando suas virtudes e os feitos que exaltarão sua contribuição para a civilização humana. O que Christine faz, em contrapartida, é extrair das mesmas fontes os trechos que exaltam a mulher, ou seja, ela rebate os autores misóginos com as mesmas autoridades que eles citam, reunindo exemplos de mulheres ilustres que pudessem contribuir não somente para a construção de uma autoridade ressignificada em torno das noções sobre o sexo feminino, mas também e, principalmente, para inspirar outras mulheres a buscarem sempre a virtude em seu cotidiano.

A título de exemplificação, Le Goff (2006) comenta que São Tomás de Aquino se afastava das teses agostinianas sobre o conceito de mulher. Apesar de não incluir o ser feminino em um universo pleno de liberdade como era o masculino, Tomás de Aquino teria rebatido a ideia de inferioridade criacionista: «se Deus quisesse fazer da mulher um ser superior ao homem, ele a teria criado de sua cabeça e, se deci-

disse fazer dela um ser inferior, ele a teria criado de seus pés. Ora, ele a criou do meio de seu corpo para ressaltar sua igualdade» (Aquino *apud* Le Goff 2006, p. 53).

Leitora dos clássicos, Pizan fortaleceu a ideia de que as desigualdades entre os sexos não se encontravam necessariamente na biologia, mas em construções culturais, nas quais a documentação apresentava valor primordial para a sustentação dos argumentos. Segundo Costa e Costa (2019), em 1394 é lançado o *Livre des cent ballades*, encomendado por esposas de príncipes. Nele, Pizan escreve suas angústias de recém-viúva e os desafios apresentados pela nova realidade. A popularidade é reconhecida quando ousa responder à obra intitulada *Roman de rose*, de essência machista, representando o ser feminino como sedutor. Após iniciar a contestação no poema *Épitre au Dieu d'amour* (1399), Pizan escreve o autobiográfico *Le livre de Mutacion de Fortune* (1403). Sobre ele, Schmidt (2020a) afirma que a autora:

descreve uma alegoria intrigante: após a morte de seu marido, uma transformação dramática faz-se necessária – Pizan é transformada pela Fortuna em um homem, que agora possui força suficiente para conduzir a embarcação que representa sua existência. Mais que uma mera construção literária, tal metamorfose reflete uma realidade social, na medida em que escrever e viver de sua escrita, especialmente sobre assuntos de natureza teórica e política, são atividades percebidas como masculinas. Tal relato se vale de um topos literário (virago) para reclamar a mesma autoridade de um homem (Schmidt 2020a, p. 2-3).

Em 1405, Christine produziu suas duas obras-primas: *A cidade das damas* e o *Le Livre des Trois Vertus*. Neste mesmo ano, a autora escreve *Le Livre de l'advision Cristine*, mais uma narrativa autobiográfica, em que ela reconhece o ineditismo não só de sua condição de escritora, como também do reconhecimento e fama advindos da atividade (Schmidt 2020a). Como salientamos anteriormente, nosso foco estará no primeiro livro.

*A cidade das damas* nasce de uma reflexão profunda sobre o livro

*Lamentations*, de Matheulos (1260 - 1320 d.C.). Assim, em primeira pessoa, Christine narra suas inquietações em forma de diário. O relato começa com a descrição de que a autora teria tido uma visão, em um sonho, no qual recebeu a visita alegórica de três virtudes personificadas, as damas Razão, Justiça e Retidão, três mulheres que aparecem para informá-la de que ela não estava equivocada em seus questionamentos e que fora escolhida por Deus para escrever uma obra que viria a refutar as acusações difamatórias feitas contra as mulheres, construindo uma visão positiva, que confrontaria a tradição literária masculina da época. As três damas a orientam a montar uma espécie de cidade-fortaleza, que abrigaria e protegeria as mulheres das injúrias masculinas.

Tanto a escolha pela alegoria da cidade, quanto as três virtudes (Razão, Retidão e Justiça) não foram aleatórias e seguem uma linha filosófica relevante na obra. Ademais, Christine se apropria de uma ferramenta narrativa já conhecida: o desenho conceitual de uma cidade ideal ou mais justa, como as alegorias encontradas na Antiguidade (e também em obras posteriores à Pizan). Segundo Costa e Costa (2019), em *A República*, Platão (c. séc. V a.C.) apresenta os atores sociais da *pólis* e sua forma ética de funcionamento, e em *A cidade de Deus*, Santo Agostinho (c. séc. IV d.C.) descreve o mundo dos homens em contraposição ao mundo celeste para debater filosofia, moralidade e espiritualidade. Vale destacar também que, quatro séculos depois de Pizan, outra escritora mulher, Margaret Cavendish (1623 - 1673 d.C.) lançará mão da ferramenta de lugar, espaço utópico para construir *The blazing world*, obra publicada na Inglaterra em 1666, onde debateu assuntos filosóficos em linguagem de ficção-científica (Valle - Guimarães 2019).

Suas musas inspiradoras eram três virtudes que retratam aspectos centrais na cultura do medievo, combinados com seus objetivos investigativos: a retidão, tão incentivada nos tratados morais da época, ao lado da razão e da justiça, que representam uma análise baseada na racionalidade crítica, em busca de um equilíbrio ético acerca das narrativas sobre mulheres na história documentada e circulante na Euro-

pa de seu tempo. Ou, conforme Costa e Costa (2019, p. 256), «pela via da razão, não só os homens, mas também as mulheres, estavam aptas a contribuir» por um mundo melhor. São diversas as possibilidades de análise da cidade-fortaleza.

Da perspectiva analítica científica, Pizan antecipa uma das regras do método cartesiano: a dúvida. Como as autoridades epistêmicas e intelectuais são construídas? René Descartes (1596 - 1650 d.C.), quatrocentos anos depois, ressaltará que para alcançar o conhecimento verdadeiro é preciso colocar em suspeição crítica as autoridades, e avaliar suas afirmações, racionalmente (Descartes 2015). Com uma linguagem simples, Pizan (na voz da Razão) esclarece:

Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são as ideias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta, igualmente, as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. E presta atenção ainda que Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos [...] Ora, parece acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar. Quanto aos poetas aos quais te referes, não sabes que utilizam frequentemente a linguagem figurada, e que, muitas vezes, deve-se compreender justamente o contrário do sentido literal? (Pizan 2012, p. 62).

Ainda nesse contexto, Christia Mercer, professora de filosofia da Universidade de Colúmbia, em um artigo intitulado *Descartes is not our father*, publicado no *The New York Times*, em 2017, questiona a posição do pensador francês como pai da filosofia moderna, em especial quanto ao dualismo mente/alma-corpo e ao protagonismo da razão pensante, do eu meditativo racional, rompido com o eu dominado pelas formas de pensar medievais. Mercer (2017) recorda que o método adotado e exposto por Descartes em *Meditações Metafísicas* havia sido utilizado antes dele por outras autorias, também femininas, como

Catarina de Siena (1347 - 1380 d.C.) e Teresa de Ávila (1515 - 1582 d.C.). Todavia, o preconceito retirava a figura feminina da filosofia.

De acordo com Mercer (2017), embora as escritas meditativas tenham sido criadas por homens, as mulheres enxergaram nesse modelo um caminho para escrever e serem lidas. Em relação ao conteúdo, a autora salienta a cautela das escritoras para não ultrapassar limites que pudessem ser ofensivos aos homens e às políticas dominantes, encontrando «maneiras criativas de compartilhar seus *insights*, ao mesmo tempo que pareciam adequadamente humildes» (Mercer 2017, não paginado). Com base no artigo de Mercer (2017), é possível enquadrar *A cidade das damas* como uma forma de escrita meditativa, com a mesma função filosófica cartesiana, embora nem sempre recordada pela tradição filosófica.

A despeito de não ser uma obra com pretensões científicas, sua organização argumentativa lógica segue um roteiro conhecido pelos cientistas da contemporaneidade: formulação de um problema de pesquisa, construção das hipóteses, sustentação teórica e levantamento das evidências para sínteses conclusivas. É com esse intento que a dama Razão apresenta a ideia da cidade fortificada, em suas palavras, «com excelentes fundamentos» (Pizan 2012, p. 66). Em sua concepção simbólica, cada nível da cidade, suas muralhas, o interior das construções e as funções de governo, são postos exemplos de mulheres virtuosas e que alcançaram grandes feitos nas artes, ciência, ou guerra, desde as mulheres pagãs da mitologia até aquelas das sagradas escrituras.

Com esta alegoria, a autora cria uma cidade que é também arsenal de memória, nas palavras de Caraffi (2004, p. 574, tradução nossa), um «vasto arquivo da memória feminina»; portanto, passível de consulta, de modo a ser acionado por outras mulheres quando necessário, para defender a virtude e capacidade de seu próprio sexo, com exemplos práticos. Segundo Mercado (2005, p. 218) com esta obra Pizan imagina, pela primeira vez no período medieval, «um espaço político exclusivamente para as mulheres, proclamando a necessidade mental



e material de sua existência». O ser mulher estava prestes a receber outros significados.

Conforme exposto até aqui, a cada característica negativa atribuída à mulher (inapta intelectualmente, fraca fisicamente, impotente para as forças armadas, não casta, dentre outros adjetivos atribuídos pelos homens), Pizan recuperava a biografia de alguma personagem feminina importante. Sua argumentação sobre a suposta inferioridade feminina excluía o fator biológico e apresentava a força das circunstâncias: as mulheres sabiam menos que os homens porque não experimentavam «[...] coisas diferentes, limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada» e não são capazes de aprender mais, porque «[...] a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas» (Pizan 2012, p. 127).

Entretanto, uma vez mais, é preciso contextualizar a autora e *A cidade das damas* em seu espaço-tempo, considerando os recursos educacionais e intelectuais disponíveis, bem como as construções religiosas vigentes à época (Brown-Grant 1999), notadamente de acordo com noções dominantes sobre o que era a mulher virtuosa, «de família» e como esta deveria se comportar, mantendo o caráter servil da mulher aos seus maridos, responsável por suportar a qualquer custo seus comportamentos (mesmo que perversos) para guiá-los a uma vida confortável. Desse modo, ainda que a obra da autora seja significativa para questionar e refutar visões tão negativas sobre as mulheres, é interessante observar que o contexto sócio-histórico no qual encontra-se inserida, conforme vimos com Mercer (2017), pode tê-la impelido a manter uma linguagem velada ou pouco desenvolvida de confronto sobre emancipação da mulher. Próxima à elite e aos personagens da realeza, muitos dos quais financiavam seu trabalho, Pizan não questiona a possibilidade de mobilidade social. Sendo fruto de uma sociedade monárquica, sua cidade utópica segue uma organização semelhante à do próprio medievo: uma rainha, um castelo, seus

súditos e seu exército. «Ademais, a cidade fortificada é uma realidade da paisagem medieval» (Caraffi 2003, p. 19, tradução nossa).

Para a autora, as qualidades e virtudes demonstradas pelas mulheres exemplificadas deveriam ser uma fonte de influência para sua atuação no ambiente doméstico, na busca não por uma revolução das estruturas sociais, mas sim pela manifestação dessas virtudes na figura de mães, filhas e esposas. Segundo Brown-Grant (1999, p. 25, tradução nossa), «Longe de incitar suas contemporâneas a resistir às limitações impostas a elas pela sociedade, [Christine de Pizan] recomenda virtudes tradicionais para as mulheres: tolerância e humildade para as esposas, modéstia e obediência para as virgens, e coragem e dignidade às viúvas». Não há, portanto, uma proposta emancipatória em sua escrita nos moldes de uma ótica feminista contemporânea (dado seu próprio espaço-tempo), tão somente a vontade de exaltar a virtude da mulher através do resgate de suas histórias, da produção de seu conhecimento, de seus feitos e contribuições para a humanidade em suas dimensões artísticas, políticas e espirituais, ainda que, diversas vezes, circunscritas na esfera privada.

Nas palavras de Pizan (2012, p. 82), «a excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes». Apesar do que poderia se considerar, sob a ótica contemporânea, como uma atuação limitada sobre o papel da mulher, revela-se na proposta da autora um potencial de questionamento sobre a representação da mulher medieval de acordo com interesses e ideologias dominantes de seu tempo (Brown-Grant 1999). Trata-se de um ato simbólico e material em prol de representações e reinterpretções da mulher fora de uma estrutura dominante, estereotipada e opressora. Um de seus argumentos é que a mulher não apenas pode aprender o mesmo conhecimento que os homens, como pode criar, inventar, inovar, isto é, desenvolver algum conhecimento que os homens não possuíam. A seguir, abordaremos os detalhes da construção da obra, e como estes estão relacionados com o conceito de gesto bibliográfico.

### 3. O gesto bibliográfico em A cidade das damas

Está posta, agora, a primeira pedra das fundações de nossa Cidade. Agora, devemos assentar uma grande quantidade de outras pedras para fazer avançar nossa construção.  
(Pizan 2012, p. 101).

Para refletir sobre o gesto bibliográfico de Christine de Pizan em *A cidade das damas*, é importante ter em mente seu marco temporal e sua condição como mulher em uma sociedade medieval, conforme explorado anteriormente. Apesar de todas as dificuldades da época, Christine não foi a única mulher do período a produzir conhecimento e a registrá-lo. Porém, o trabalho dessas mulheres ficou durante bastante tempo longe dos cânones científicos. Nos alinhamos com o pensamento da historiadora Karine Simoni, quando ela afirma:

Se ao longo do tempo foi comumente aceito que as mulheres ficaram à sombra de um mundo dominado pelo masculino, a tendência atual é a de revisão desse paradigma. A história das mulheres, geralmente escrita por homens e com base em fontes elaboradas por autores masculinos e escolásticos, está sendo substituída por abordagens que privilegiam registros deixados pelas próprias mulheres (Simoni 2010, p. 1).

É justamente este movimento de revisão que nos leva ao segundo ponto, cerne deste artigo: a bibliografia. O termo possui muitas definições, por vezes contrastantes. Nos alinhamos com aquelas que entendem a bibliografia enquanto disciplina e enquanto técnica, inserindo-a no contexto amplo da Organização do Conhecimento. Como a de Araújo (2015, p. 119), para quem a «[...] bibliografia se ocupa do mapeamento e da representação dos saberes e do conhecimento» e de Crippa (2015, p. 91), que afirma que bibliografia é «um percurso informacional estabelecido para a obtenção de conhecimentos específicos».

Esta atividade gera produtos que se modificaram ao longo dos anos, seja em seu formato (listas, inventários, catálogos, bancos de dados),

suporte (impressos, em CD-ROM, on-line) e apresentação das informações (foco nas características materiais das fontes apontadas, foco no conteúdo); o formato pouco importa, desde que atenda ao objetivo desejado (Couzinet - Fraysse 2019).

Sendo assim, ainda que o intento tenha se mantido essencialmente o mesmo, qual seja, a preocupação com o mapeamento e acesso do/ao conhecimento, o objeto oriundo deste trabalho intelectual assume diversas manifestações, de acordo com as tecnologias disponíveis em cada época, se integrando às constantes mudanças tecnológicas (Fraysse - Couzinet 2019). Igualmente, na perspectiva trazida por Lara (2018), os produtos gerados pelo trabalho bibliográfico estão circunscritos nos contextos socioculturais nos quais são elaborados e utilizados, sendo as concepções acerca da bibliografia não construções isoladas, mas sim frutos de uma dada conjuntura.

A historiografia do campo situa o surgimento da bibliografia entre os anos 1500 e 1600, no seio da bibliologia. Enquanto alguns autores relacionam sua gênese à publicação da obra *Bibliographia politica* de Gabriel Naudé, em 1633 (Couzinet - Fraysse 2019), outros colocam este marco muito antes, em 1545, quando da publicação de *Bibliotheca Universalis* por Conrad Gesner (Araújo 2015).

Porém, enquanto disciplina e técnica em formação, é possível encontrar traços de sua existência em tempos precedentes, ainda que as discussões acerca da bibliografia no período anterior ao desenvolvimento da prensa gutenberguiana sejam incipientes (Crippa - Sabbag - Silva 2016). A partir da perspectiva trabalhada pelas autoras, que apontam para a ausência de uma teorização específica sobre a temática nesse contexto, sugerem-se as possibilidades de articular as práticas desenvolvidas à época na dimensão do que Crippa (2016) entende como gesto bibliográfico. De acordo com a autora, gesto bibliográfico seria um

conjunto das teorias e das práticas bibliográficas, cruzamento entre o campo do conceito (reflexões sobre tarefas, necessidades atores que a bibliografia satisfaz e para quem ela opera) e o dos fazeres (que podemos identificar

nos 'atos' de seleção, registro, e organização de seus materiais). O gesto se define, em um primeiro momento, como o estabelecimento, por parte do bibliógrafo, de sentidos aos dados, orientando-os dentro de um quadro de conhecimentos socialmente compartilhados que ele, na medida em que manipula os registros produzidos, contribui para constituir, desenvolvendo técnicas e selecionando tecnologias (Crippa 2016, p. 24).

Essa visão pode ser complementada por Crippa, Sabbag e Silva (2016), a partir da concepção de gesto bibliográfico não como uma simples descrição de materiais, dissociada de seu espaço-tempo, mas, pelo contrário, como uma prática desempenhada no interior de determinadas formações políticas e sociais, cujas atividades de seleção, organização e representação de registros do conhecimento respondem por critérios e intencionalidades historicamente construídas.

Nesse contexto, cabe retomar à obra *A cidade das damas* e observar com atenção sua organização. A construção da obra – que reflete, por sua vez, a construção da cidade simbólica erigida por Pizan – encontra-se dividida em três partes: Parte 1, na qual a virtude Razão oferece exemplos de mulheres, em sua maioria consideradas pagãs, que foram famosas por sua coragem e estratégia em guerras e batalhas, bem como pelos talentos artísticos e criatividade; Parte 2, em que a virtude Retidão apresenta histórias de mulheres pagãs, hebraicas e cristãs, que tornaram-se célebres por seus dons proféticos, castidade exemplar e/ou devoção aos homens (maridos, irmãos, pais ou compatriotas); e Parte 3, na qual a virtude Justiça reconta as vidas de mulheres que foram santificadas por sua retidão, apesar dos martírios pelos quais tiveram que passar, demonstrando uma rígida e infalível devoção à Deus, tendo a Virgem Maria como rainha (Brown-Grant 1999).

Acredita-se que grande parte das fontes de Christine para compor sua listagem de mulheres nas Partes 1 e 2 foi retirada da obra *De Claris Mulieribus*, de c1375, catálogo de mulheres de autoria de Boccaccio, provavelmente lida por Pizan na tradução francesa *Des Cleres et Nobles Femmes*; em relação à Parte 3, as fontes de Christine podem estar baseadas na obra *Miroir Historial* (1333), tradução francesa de Jean

de Vignay (1283 - 1340 d.C.) da enciclopédia *Speculum Maius* (iniciada após 1240) (Brown-Grant 1999).

Na construção desta cidade se estabelece uma clara relação com a arquitetura, sendo *A cidade das damas* um ato simbólico de reconstrução de uma tradição literária sobre as mulheres, ou ainda uma fundação de um novo imaginário. Pensar a cidade enquanto um projeto arquitetônico faz com que tanto a escrita de Pizan como o produto final estejam imbuídos de princípios de medida e organização pré-estabelecidos (Caraffi 2004). Além disso, é possível notar que cada nível da cidade se dedica a uma temática específica.

A primeira, gerida em conjunto com a dama Razão, é focada no mundo das artes e das atividades intelectuais de modo geral; a segunda, criada em diálogo com a dama Retidão, foca em atributos comportamentais considerados desejáveis, como lealdade e modéstia, por exemplo; e por fim, a interlocução com a dama Justiça elenca os grandes exemplos de mulheres devotas e tementes a Deus. Há uma hierarquia expressa nesta organização, qual seja: as grandes mulheres da fé católica estão no comando da cidade, representando as figuras nobres, aquelas de comportamento exemplar são as que habitam a cidade, e as demais, célebres por suas atividades intelectuais, estão na muralha e nas fundações, sendo a guarnição e base sustentadora da cidade imaginada por Christine. Desse modo, conforme já destacado, a construção da cidade assume, pois, uma dimensão puramente simbólica, sendo suas fundações, paredes, torres e casas construídas a partir dos relatos biográficos dessas mulheres, na busca pela exaltação de feitos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento da civilização humana.

Um aspecto a ser observado é que, ao dialogar com as virtudes, a autora não apenas seleciona cada uma das mulheres que são exemplo em suas determinadas categorias, mas expõe os motivos pelos quais elas merecem ser incluídas, muitas vezes contrapondo defeitos e qualidades (principalmente no caso das mulheres pagãs). Isso faz com que o leitor seja capaz de vislumbrar os critérios de seleção que orientam



Christine em sua empreitada. O cuidado em detalhar seu percurso é relevante por causa das diversas forças que atuam em atividades de seleção, nomeadamente políticas, científicas e econômicas (Couzinet - Fraysse 2019), mas também, no caso específico de Christine, religiosas.

É nesse contexto que a obra de Christine de Pizan encontra o horizonte bibliográfico. Os esforços da autora, empreendidos na construção simbólica de uma cidade - alegoria-chave de toda sua narrativa - que se materializa em um instrumento composto pela compilação biográfica de mulheres ilustres, evoca, na perspectiva bibliográfica aqui adotada, os atos de seleção, organização, representação e divulgação de conhecimentos registrados nos manuscritos da época, tal como a noção de bibliografia tratada por Araújo (2015) e Crippa (2015) sugerem.

De modo específico, a própria intencionalidade de Christine na organização da cidade e na seleção de mulheres, somada à exaltação do que era concebido como virtudes femininas à época, parecem apontar para um percurso bibliográfico intrínseco à construção de sua cidade das damas: a escritora realiza a leitura das fontes disponíveis à época - notadamente de autoria masculina -, (re)interpreta, seleciona e extrai desses mesmos textos informações que são ressignificadas à luz de seus propósitos, qual seja o questionamento, materializado em sua obra, da representação dada pelos homens às mulheres no período medieval ocidental; em seguida, tendo sempre o projeto arquitetônico de uma cidade em mente, Pizan organiza os registros selecionados de acordo com as virtudes de cada mulher selecionada; e, por fim, representa esses saberes através de sua escrita alegórica.

Considerando o propósito da autora de construir um conhecimento específico sobre o juízo acerca das mulheres, em seu caráter de seleção, organização e representação por meio da alegoria da cidade fortificada, caminhamos na direção de que a obra de Christine, publicada cerca de cinquenta anos antes da invenção da prensa gutenberguiana, pode ser interpretada como um gesto bibliográfico. Retomando a definição de Crippa (2016, p. 24) é possível perceber que Christine estabelece sentido aos dados e orienta-os dentro de um quadro de conhe-

cimentos socialmente compartilhados pelos seus potenciais leitores, desenvolvendo um tipo de produto que atende a necessidade do seu público principal (as mulheres), tanto no conteúdo quanto na forma.

Cabe aqui uma digressão sobre a forma, principal ponto de estranhamento ao se relacionar *A cidade das damas* com a noção de gesto bibliográfico. Ressaltamos alguns pontos já mencionados: em primeiro lugar, na época em que Christine de Pizan escreveu *A cidade das damas*, a bibliografia ainda não havia sido estabelecida, seja como disciplina ou como técnica, sendo, portanto, uma época de experimentações e criações, época de começos. Outro fator importante a ser considerado é sua posição como mulher medieval, já muito diferente da realidade de várias contemporâneas suas, mas ainda, em muitos sentidos, restrita. A própria autora, no *Livre de la mutation de fortune*, relata que jamais pôde receber formalmente a herança do conhecimento de seu pai, se contentando então a «furtar migalhas e farelos» (Schmidt 2020b). Por essa perspectiva, suscitamos a hipótese de que dificilmente Pizan teria acesso aos mesmos instrumentos que os bibliógrafos homens para a elaboração de produtos nos moldes que se tornaram fundadores do campo, como os desenvolvidos por Conrad Gesner, por exemplo. Em outras palavras: a bibliografia nasce em ambientes de ensino, acadêmicos. Essas instituições, conforme ressaltado por Manguel (1997), foram durante toda a Idade Média fechadas às mulheres.

Nesse cenário, a literatura - em especial o romance, ou ainda as meditações - foi a saída encontrada por diversas mulheres que desejavam participar dos debates públicos e expressar suas opiniões, até pelo menos meados do século XIX, quando as universidades começaram a admitir mulheres (Perrot 2005 - Mercer 2017). A narrativa literária de Pizan revela uma espécie de mergulho/resgate em uma bibliografia já existente sobre feitos, histórias e virtudes da mulher, mas que, por serem majoritariamente de autoria masculina, foram durante muito tempo interpretados, apropriados e circulados no período medieval ocidental de acordo com valores e construções de discursos que se voltam para a difamação das mulheres.

Ainda que o produto gerado por Christine seja diferente daquele que viria a se estabelecer como padrão no campo, o percurso intelectual da autora já está imbuído de elementos que se tornariam parte do fazer bibliográfico: leitura de fontes, seleção, organização, representação e divulgação; atividades que, de uma forma ou de outra, estão circunscritas pelos cenários políticos e socioculturais de seu tempo histórico, conforme já destacado pela abordagem de Couzinet e Fraysse (2019). Nessa direção, é pertinente reputar *A cidade das damas* como gesto bibliográfico, inserido em um contexto mais amplo da organização do conhecimento.

Ressaltamos aqui a fala de Crippa (2016) sobre o gesto bibliográfico:

Se um conjunto de habilidades é essencial, é também verdade que o tratamento da informação, do ponto de vista de sua organização, implica em competências atreladas **ao saber escolher e associar as informações na base de uma lógica enunciativa e do discurso construída, com princípios não fornecidos a priori, mas resultantes das ‘formações’ históricas e sociais voltadas para as necessidades dos atores e grupos sociais envolvidos em todas as etapas do processo informacional** (Crippa 2016, p. 24, grifo nosso).

Ao assumirmos que existem diversas manifestações da bibliografia (Lara 2018) e que elas se integram e se adaptam às mudanças tecnológicas de cada época (Fraysse - Couzinet 2019), a construção de um repertório via literatura não causa mais tanto estranhamento.

Em nossa reflexão, trata-se de pensar o gesto bibliográfico de Christine como um movimento simbólico não apenas de defesa da figura da mulher, mas também e, principalmente, de questionamento sobre as concepções em torno de sua imagem. Aqui, Pizan não está a defender a mulher nos moldes da crítica feminista contemporânea, mas a seleção sistemática dos relatos biográficos, circunscrita em uma dada intencionalidade, já evidencia uma proposta de questionamento, via percurso bibliográfico, das noções opressoras legitimadas em torno do sexo feminino.

Ao listar as 150 mulheres que contribuíram para a história da huma-

nidade em termos de ciência, artes, literatura e guerras, Pizan estava a criar um instrumento bibliográfico que buscava romper com o ciclo discursivo, massivo, repetitivo e pulverizado sobre a suposta inferioridade feminina, recuperado em diferentes séculos por especialistas e leitores comuns. Nessa busca, Pizan oferece outros olhares, que poderiam dar visibilidade para a mulher, condições de defender sua posição como sujeito intelectual, pensante, capaz de exercer as mesmas atividades que os homens, mas que só não o faziam em razão do que se acreditava ser uma divisão divina dos papéis exercidos por homens e mulheres, e não por falta de capacidade individual ou coletiva.

O gesto bibliográfico de Pizan, refletido nessa outra perspectiva, em outras possibilidades de argumentação sobre a mulher, oferece material formativo e argumentativo não apenas para as mulheres do tempo da autora, como para todas as mulheres que viriam depois dela.

#### 4. *Considerações finais*

A bibliografia, enquanto disciplina e técnica, sofre constantes revisões, seja sobre seu passado e seus marcos, seja sobre suas perspectivas futuras (Serrai 2019). Isto traz prós e contras. Os contras se referem a uma sensação de instabilidade no campo e opiniões contrastantes quanto a marcos e definições (Serrai 2019), como prós, um fértil espaço para debate, e uma grande capacidade de adaptabilidade a novas realidades (Frayssé - Couzinet 2019).

Com o intuito de inserir a obra de Christine de Pizan na perspectiva bibliográfica e introduzi-la como objeto de estudo no escopo da Ciência da Informação, percorremos um breve panorama sobre a história das mulheres. Guiadas pelas autorias supracitadas, percebemos a construção do imaginário em torno da mulher, seu corpo, comportamento e conceito, e as consequências de cerceio e políticas diversas sobre a vida prática da mulher. Sabedora dessa realidade e consciente de seu privilégio enquanto escritora, inferimos que Pizan, por meio do gesto

bibliográfico, empreendeu em *A cidade das damas* um esforço de organização do conhecimento sobre representação discursiva das mulheres.

O profundo debate explorado sobre a autora indica dimensões éticas, pedagógicas e filosóficas que merecem maior estudo nas respectivas áreas do saber, levando em consideração as condições possíveis de fazer educacional e filosófico para uma mulher no medievo: a forma de linguagem, o vocabulário, os dilemas do subentendido e os produtos viáveis de materialização de suas ideias. Conforme os estudiosos sobre leitura expuseram, uma mulher como Christine não seria admitida como filósofa em seu tempo, por isso, fez da literatura seu espaço de debates, gozando de aceitação em vários círculos da nobreza, mesmo que as opiniões sobre ela não fossem unânimes.

Ainda que o produto final analisado nesse artigo não se enquadre exatamente no que se chama hoje de bibliografia, principalmente pela forma de apresentação das informações, o gesto bibliográfico de Christine de Pizan estaria representado nas dinâmicas de seleção, organização, representação e divulgação de determinado conhecimento, dentro de uma temática específica, para atender a determinado fim.

Pode-se concluir que, em *A cidade das damas*, Christine de Pizan constrói com sua pena a cidade-fortaleza das damas, com o objetivo de proteger e guarnecer as mulheres de seu tempo (e além) contra os constantes ataques à sua natureza, inteligência, capacidade e coragem. Os esforços empreendidos pela autora, ainda que, aparentemente, sem a delimitação teórico-conceitual do que se entende hoje por bibliografia, resultam em um notável repertório de referências, que merece ser observado pela lente da bibliografia e considerado pelo campo em seu aspecto de gesto.

### *Agradecimento*

Essa pesquisa foi parcialmente financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil).

## Referências

- Alentejo 2015 = Eduardo Alentejo, *Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida*, «Informação & Informação», v. 20 (2015), n. 2, p. 20-62. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p20.
- Araújo 2015 = André Vieira de Freitas Araújo, *Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner*, «Informação & Informação», v. 20 (2015), n. 2, p. 118-142. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p118.
- Brown-Grant 1999 = Rosalind Brown-Grant, *Introduction*, in *The book of the city of ladies*, Christine de Pizan, London, Penguin Books, 1999, p. 21-48.
- Calado 2006 = Luciana Eleonora de Freitas Calado, *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan: estudo e tradução*, Doutorado em Teoria da Literatura, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, maio 2006.
- Caraffi 2003 = Patrizia Caraffi, *Introduzione*, in *Christine de Pizan: una città per se*, a cura di Patrizia Caraffi, Roma, Carocci editore, 2003, p. 9-12.
- Caraffi 2004 = Patrizia Caraffi, *Christine de Pizan e la Città delle Dame*, in *Lo Spazio Letterario: il Medioevo Volgare*, a cura di Piero Boitani, Mario Mancini e Alberto Varvaro, Roma, Salerno Editrice, 2004, vol. IV, p. 573-596.
- Costa - Costa 2019 = Marcos Roberto Nunes Costa - Rafael Ferreira Costa, *Mulheres intelectuais na Idade Média: entre a medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia, a Teologia e a Música*, Porto Alegre, Editora FI, 2019.
- Couzinet 2012 = Viviane Couzinet, *Fabrique de la liste: dispositif entre mémoire et commémoration*, in *Anais da 2º Jornada Científica Internacional Redes e Processos Info-Comunicacionais: Mediações, Memórias, Apropriações (Rede Mussi)*, Rio de Janeiro, p. 132-151. <[https://remussi.org/wp-content/uploads/2019/04/Anais-Mussi\\_2012\\_02.pdf](https://remussi.org/wp-content/uploads/2019/04/Anais-Mussi_2012_02.pdf)> (last seen: 29.11.2020).
- Couzinet - Fraysse 2019 = Viviane Couzinet - Patrick Fraysse, *L'art de la*



- bibliographie: de l'activité à son objet*, «Em Questão», v. 25 (2019), p. 105-122. DOI: 10.19132/1808-5245250.105-122
- Crippa 2015 = Giulia Crippa, *Cassiodoro e as Institutiones Divinarum Litterarum como fonte histórica para a discussão sobre práticas bibliográficas e organização do conhecimento*, «Informação & Informação», v. 20 (2015), n. 2, p. 86-117. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p86.
- Crippa 2016 = Giulia Crippa, *Entre arte, técnica e tecnologia: algumas considerações sobre a bibliografia e seus gestos*, «InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação», v.7 (2016), p. 23-40. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp23-40.
- Crippa - Sabbag - Silva 2016 = Giulia Crippa - Deise Sabbag - Marcia Regina da Silva, *The bibliographic gesture in knowledge*, in *Knowledge Organization for a sustainable world: challenges and perspectives for cultural, scientific and technological sharing in a connected society*, organised by José Augusto Chaves Guimarães, Suellen Oliveira Milani and Vera Dodebei, Würzburg, Ergon-Verlag, 2016, vol. 1, p. 179-185.
- Descartes 2005 = René Descartes, *Discurso do método*, Porto Alegre, L&PM, 2005.
- Fraysse - Couzinet 2019 = Patrick Fraysse - Viviane Couzinet, *L'art de la bibliographie: de l'objet à sa patrimonialisation*, «Em Questão», n. 25 (2019), p. 105-122. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245250.123-136>.
- Juvêncio - Rodrigues 2016 = Carlos Henrique Juvêncio - Georgete Medleg Rodrigues, *A Bibliografia Nacional Brasileira: histórico, reflexões e inflexões*. «Revista de Ciência da Informação & Documentação», v. 7 (2016), p. 165-182. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp165-182.
- Lara 2018 = Marilda Lopes Ginez de Lara, *Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia?*, «Informação & Informação», v. 23 (2018), n. 2, p. 127-151. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n2p127.
- Le Goff 2006 = Jacques Le Goff, *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- Manguel 1997 = Alberto Manguel, *Uma história da leitura*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

- Mercado 2005 = Diana Arauz Mercado, *Imagen y palabra a través de las mujeres medievales (siglos IX-XV): primera parte: mujeres medievales del Occidente europeo*, «Escritura e Imagen», v. 1 (2005), p. 199-220. <<https://revistas.ucm.es/index.php/ESIM/article/view/ESIM0505110199A>> (last seen: 22.08.2021).
- Mercer 2017 = Christia Mercer, *Descartes is not our father*, «New York Times», (2017). <<https://www.nytimes.com/2017/09/25/opinion/descartes-is-not-our-father.html>> (last seen: 23.08.2021).
- Pizan 1999 = Christine de Pizan, *The book of the city of ladies*, London, Penguin Books, 1999.
- Pizan 2012 = Christine de Pizan, *A cidade das damas*, Florianópolis, Editora Mulheres, 2012.
- Perrot 2005 = Michelle Perrot, *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru, EDUSC, 2005.
- Rechtschaffen 2010 = *Oxford Bibliographies*, Oxford, Oxford University Press, 2010, *Christine de Pizan*, by Tracy Adams Rechtschaffen. DOI: 10.1093/OBO/9780195396584-0093.
- Sabba 2016 = Fiammetta Sabba, *Natureza e origem da bibliografia: uma perspectiva disciplinar para contemporaneidade*, «InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação», v. 7 (2016), p. 65-98. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp65-98.
- Schmidt 2020a = Ana Rieger Schmidt, *Christine de Pizan*, «Blog de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia», v. 6 (2020a), n. 3, p. 1-15. <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>> (last seen: 20.03.2021).
- Schmidt 2020b = Ana Rieger Schmidt, *O Livro da Transformação de Fortuna, de Christine de Pizan*, «Revista Philia», v. 2 (2020b), n. 2, p. 578-600. <<https://seer.ufrgs.br/philia/article/view/103935>> (last seen: 08.02.2021).
- Serrai 2019 = Alfredo Serrai, Editoriale. *Pansofia versus Bibliofilia: la rifondazione delle scienze bibliografiche*, «Bibliothecae.it», v. 8 (2019), n. 2, p. 1-7. <<https://bibliothecae.unibo.it/article/view/10355>> (last seen: 08.02.2021).

Bibliothecae.it  
10 (2021), 2, 192-195  
Saggi

Mell Siciliano - Fernanda Valle - Amanda Salomão  
*Uma mulher entre homens: o gesto bibliográfico de  
Christine de Pizan em A Cidade das damas*

Simoni 2010 = Karine Simoni, *De dama da escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento*, in *Anais do 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Santa Catarina, 23-26 agosto 2010, p. 1-8. <<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares?impressao>> (last seen: 10.07.2021).

Valle - Guimarães 2019 = Fernanda Valle - Michelle Louise Guimarães, *Margaret Cavendish e memória científica: um estudo sobre reputação, gênero e Organização do Conhecimento*, in *O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação*, edited by Franciéle Carneiro Garcês and Nathália Lima Romeiro, Florianópolis, Selo Nyota, 2019, p. 105-133.

## Abstract

Trata-se de uma pesquisa teórica e exploratória sobre os conceitos de bibliografia e gesto bibliográfico à luz do livro *A cidade das damas*, de Christine de Pizan (1363-1431 d.C.). Italiana radicada na França, a autora contrapõe a bibliografia patriarcal amplamente reverenciada e referenciada com a seleção de 150 personalidades femininas que se destacaram em diversos campos do conhecimento, com vistas ao seu argumento lógico e memorial à reputação das mulheres. Nessa direção, o artigo é sustentado pela revisão de literatura feita por Eduardo Alentejo (2015), que apresenta a bibliografia tanto como um produto material quanto intelectual sobre o conhecimento produzido, sob a noção de repertório, listas ou descrições de assuntos, sempre orientadas por políticas gerais e escolhas individuais de bibliógrafos, relacionando-se, portanto, com seleção e recorte; e pelo conceito de gesto bibliográfico, conforme definido por Giulia Crippa (2015, 2016). Além de Alentejo e Crippa, fundamentam a investigação, no que tange à esfera bibliográfica, André Araújo (2015), Viviane Couzinet e Patrick Fraysse (2019). Para situar a autora em seu tempo, Rosalind Brown-Grant (1999), Patrizia Caraffi (2003, 2004), Diana Arauz Mercado (2005), Tracy Adams Rechtschaffen (2010), Ana Rieger Schmidt (2020a, 2020b) e Jacques Le Goff (2006). A leitura da obra foi feita em duas versões: traduzida para o inglês, de 1999, e português, de 2012; ambas foram desenvolvidas a partir do texto original em francês antigo. Como resultado, dadas as diferentes noções de bibliografia e as históricas limitações impostas às mulheres, os esforços empreendidos por Pizan, ainda que, aparentemente, sem a delimitação teórico-conceitual do que se entende por bibliografia hoje, resultam em um notável repertório de referências, que merece ser observado pela lente da bibliografia e da Organização do Conhecimento, e considerado pelo campo em seu aspecto de gesto.

Organização do Conhecimento; Bibliografia; Gesto Bibliográfico; Chris-

tine de Pizan, A cidade das damas

Nata italiana, radicata in Francia, Christine de Pizan contrappone la bibliografia patriarcale, ampiamente venerata e referenziata, attraverso la selezione di 150 personalità femminili di reputazione riconosciuta in vari campi del sapere, in vista del suo argomento logico e memoriale della reputazione delle donne. A tal fine, la ricerca è fondata sulla revisione della letteratura condotta da Eduardo Alentejo (2015), che presenta la bibliografia come prodotto sia materiale che intellettuale sulla conoscenza, sotto la nozione di repertorio, elenchi o descrizioni di soggetti, sempre guidati dalle politiche generali e delle scelte individuali dei bibliografi, in relazione, quindi, a attività di selezione; e dal concetto di gesto bibliografico, come definito da Giulia Crippa. Oltre che Alentejo e Crippa, l'investigazione è basata, in riguardo al tema della bibliografia, sui lavori di André Araújo, Viviane Couzinet e Patrick Fraysse. La lettura dell'opera è stata eseguita dall'edizione tradotta in inglese, del 1999, e dall'edizione tradotta in portoghese, del 2012 (entrambi dipendenti dall'originale in francese antico). Come risultato, date le diverse nozioni di bibliografia e i limiti storici imposti alle donne, gli sforzi intrapresi da Pizan, sebbene apparentemente privi della delimitazione teorico-concettuale di ciò che oggi si intende per bibliografia, sfociano in un notevole repertorio di riferimenti, che merita di essere osservato attraverso le lenti della bibliografia e della Organizzazione della Conoscenza, e considerato dal campo nella sua prospettiva di gesto.

Organizzazione della Conoscenza; Bibliografia; Gesto bibliografico; Christine de Pizan; La città delle dame

*This paper is a theoretical and exploratory research on the concepts of bibliography and bibliographic gesture, in relation to the book The Book of the City of Ladies, by Christine de Pizan (1363-1431 AD). In this work, the Italian author based in France, disputes the widely revered and referenced*

*patriarchal bibliography, by selecting 150 female personalities who stood out in various fields of knowledge, by means of a logical argument as well as a memorial to female reputation. The discussion hereby presented is supported by the literature review performed by Eduardo Alentejo (2015) - to whom bibliography is understood both as a material and intellectual product, under the notion of repertoire, lists or subject descriptions, always guided by general policies and individual choices of bibliographers, thus related to selection, and clipping – and by the notion of bibliographic gesture, as defined by Giulia Crippa (2015, 2016). Other authors like André Araújo (2015), Viviane Couzinet and Patrick Fraysse (2019) are useful to better understand the concept of bibliography; and, to contextualize Christine de Pizan in her time, Rosalind Brown-Grant (1999), Patrizia Caraffi (2003, 2004), Diana Arauz Mercado (2005), Tracy Adams Rechtschaffen (2010), Ana Rieger Schmidt (2020a, 2020b) and Jacques Le Goff (2006). The Book of the City of Ladies was read in two versions: one translated to English (1999) and other to Portuguese (2012), both developed from the original text in Old French. The results show that, given the different existing notions of bibliography and the historical limitations imposed on women, the efforts undertaken by Pizan in this book, although apparently lacking the theoretical-conceptual delimitation of what is understood as bibliography nowadays, result in a remarkable repertoire of references, that deserve to be observed through the lens of bibliography and Knowledge Organization and considered by the field as a bibliographic gesture.*

*Knowledge Organization; Bibliography; Bibliographic Gesture; Christine de Pizan; The book of the City of Ladies*